

NOTIZIE BIBLIOGRAFICHE

PAIVA Gilberto, C.S.S.R., *A Província Redentorista de São Paulo (1894-1955). Fundação, consolidação, ereção canônica e desenvolvimento. Um estudo histórico-pastoral*, Editora Santuário, Aparecida - SP 2007, 568 pp.

É com certeza uma experiência única escrever uma tese de doutorado sobre a história da própria Província. Na tarde de 31 de março de 2006, nosso confrade Pe. Gilberto Paiva coroa seus estudos na Pontifícia Universidade Gregoriana de Roma, defendendo a tese acima mencionada e que agora vem a público na versão integral. Pelo fim da apresentação, disse estas palavras:

“Confessamos que, em muitos momentos, a leitura das cartas enviadas do Brasil aos confrades e superiores na Alemanha nos emocionaram. Emoção pelos relatos sobre o povo brasileiro, sua religiosidade simples e fervorosa, e sobre as imensas dificuldades encontradas na nova terra”.

A tese, dividida em quatro partes perfeitamente equilibradas, nos conduz pela mão numa surpreendente viagem através da história. A narração é tão bem estruturada, e o tema tão cativante, que não se vê o tempo passar ao percorrer aquelas centenas de páginas. Os fatos vão surgindo dentro de uma moldura histórica elaborada com esmero, tecendo em constante paralelo a trama da sociedade brasileira, o contexto eclesial e os passos da missão redentorista bávara.

A primeira parte mostra como o Brasil viveu os últimos anos do império e do padroado, passando depois ao regime republicano, que fez em 1891 a separação entre Estado e Igreja. Em seguida o olhar se concentra nos Estados de São Paulo e Goiás, e mais particularmente nos santuários de Aparecida e Trindade, que vão receber os primeiros Redentoristas alemães. Sobressai a figura ímpar de Dom Macedo Costa, líder dos bispos “reformadores”, que visavam “purificar” o catolicismo popular, implantando os bons costumes, a prática religiosa, a catequese doutrinária e a vida sacramental e devota. A seu ver, esses objetivos seriam alcançados mediante um maior esmero na formação do clero, a dinamização dos santuários e o incentivo à pregação das missões populares.

Já em 1843 um bispo do Brasil envia à Itália o primeiro pedido de missionários Redentoristas para auxiliar na evangelização de sua imensa diocese: era Dom Antônio Ferreira Viçoso, bispo de Mariana. Mas somente 50 anos mais tarde é que os filhos de Santo Afonso começariam seu trabalho aqui, a convite de um sucessor de Dom Viçoso, o santo bispo negro Dom Silvério Gomes Pimenta. Proclamada a república, cresce a idéia de buscar na Europa, junto às congregações missionárias, os agentes da desejada reforma da Igreja. A vinda dos Redentoristas alemães para o Brasil fazia parte desse plano de renovação. Paiva se propõe narrar como eles cumpriram a missão recebida.

Para mostrar quem eram esses Redentoristas e especialmente como viviam eles na Alemanha de Bismarck, o Autor recorda os primórdios da Congregação, explicando as intuições e os projetos de Santo Afonso, e passa a falar da amarga experiência do *Kulturkampf*, que em 1873 suprimiu os conventos e dispersou os religiosos, forçando-os a exilar-se nos países vizinhos. A vinda dos 14 pioneiros, liderados pelo ardoroso Pe. Gebardo Wiggermann, e suas primeiras realizações em terras brasileiras encerram esta fascinante etapa.

O panorama religioso nacional no fim do século XIX não diferia muito da situação dos cabreiros de Scala, que movera Afonso a fundar a Congregação.

Em 1889 nosso país tinha 14 milhões de habitantes, em 348 cidades. Os sacerdotes eram 700 – 520 seculares e 180 religiosos – num total de 12 dioceses.

Nos primeiros 30 anos do século XX, objeto da *segunda parte* da tese, a Igreja no Brasil começa uma caminhada de liberdade e autonomia frente ao Estado e, embora lutando ainda contra ferrenhos inimigos como o positivismo e a maçonaria, vai aos poucos assumindo seu papel na sociedade, sentindo-se revigorada pela criação de novas dioceses e pela vinda de padres do clero estrangeiro.

Surge o primeiro sacerdote redentorista brasileiro, Pe. Júlio Maria de Moraes Carneiro, grande orador de fama nacional, que preconizava a união da Igreja com o povo como o grande ideal dos católicos no regime democrático inaugurado com a República. Assumir a causa social sintonizando-se com os interesses e os

problemas do povo, seria a missão da Igreja, à qual não convinha refugiar-se em seus templos.

Vindos de um país organizado, de uma região religiosa, os Redentoristas bávaros acharam difícil entender a improvisação, a ignorância, o laxismo e os abusos daquelas comunidades brasileiras. Mesmo assim, deram provas de grande compreensão e paciência diante da nova realidade. Sirva de testemunho, o que escreveu Pe. Gebardo:

“Que os padres não sejam rigorosos. Ajam com bondade. Vamos dar catequese e instrução a este povo, e depois de 100 anos poderemos exigir como se exige na Europa. Os brasileiros estimam o trato benevolente. Rigor e dureza estragam tudo, especialmente no começo. No Brasil, o que não conseguimos com bondade, não conseguiremos de modo algum”.

Palavras de tolerância, bem distantes da intransigência com que um bispo da época, por causa de seus conflitos com os leigos dirigentes, interditava o santuário de Trindade e proibia as romarias.

Essa verdadeira calamidade não foi o único sofrimento daqueles bravos missionários: a tuberculose vitimava até os mais jovens, a ponto de dizerem que havia entre eles mais doentes do que sãos. Problemas internos, dificuldades com a língua, as longas distâncias percorridas a cavalo e a miséria extrema dos conventos (“Nossa atual moradia é mais pobre do que a de Scala de Santo Afonso”) completavam o triste quadro de penúria.

Porém, na quase totalidade dos relatos, a afirmação comovente: ‘Nós estamos felizes porque fomos escolhidos pela Divina Providência para a missão no Brasil’.

Foi isto que escreveu o Superior Geral da época, Pe. Matias Raus, ao ler o relatório da visita do Pe. Frederico Grote, C.Ss.R., ao Brasil: “Je ne connais pas de mission plus apostolique et plus Rédemptoristique que la Mission du Brésil. Que les Pères et Frères qui sont destinés pour le Brésil remercient le bon Dieu, Saint Alphonse et les Supérieurs, qui les ont choisis pour cultiver cette partie de la Vigne du Seigneur” (citado por LEITE, *João Batista B.*, C.Ss.R., em *Pequena História da Província do Rio de Janeiro*, p. 116.)

A terceira parte da tese de Paiva é toda dedicada às missões, que junto com a pastoral dos santuários, foram a razão do convite dos nossos bispos aos Redentoristas. Dentro da nova realidade, logo perceberam que, sem perder a identidade redentorista, era preciso muita flexibilidade e adaptação. Dizia o Pe. Gebardo: "Ninguém se escandalize se em nossa comunidade nem tudo pode ser observado como na Europa, onde há uma vida normal e não existe santuário e uma paróquia da qual se deve cuidar". E sobre as Missões, afirmava, já em 1896: "Aqui no Brasil, especialmente em Goiás, o método de se pregar missão será muito diferente do da Europa".

Se o *Kulturkampf* os impedira de aprender na prática o método alfonsiano das Missões, havia no grupo redentorista holandês sediado em Minas Gerais, quem poderia ensiná-lo. E assim principia um fraterno intercâmbio: Pe. Henrique Brandouw dirige o segundo noviciado em Aparecida e Pe. Gebardo prega à colônia alemã de Juiz de Fora.

E vai sempre crescendo o número das Missões, cujas características o Autor analisa amplamente; era nas Conferências Missionárias que se aprofundavam os assuntos da Missão e se acertavam as oportunas correções de rota.

Alguns padres destacaram-se ao longo desses anos no esforço de renovar e dinamizar a ação missionária para que respondesse aos desafios sempre novos. Dentre eles, Pe. Estevão Maria Heigenhauser, missionário carismático, que elaborou um novo Diretório e teve a idéia original da missão especial para os homens.

A consolidação da Vice-Província, que a partir de 1920 fundou casas também no Rio Grande do Sul, é o objeto da *última parte* da tese. Com 157 membros professos, possuindo juvenato próprio desde 1898 e estudantado filosófico-teológico a partir de 1936, o grupo viu chegada a hora de tornar-se Província independente (15.10.1944), emancipando-se da Alemanha, que vivia a tragédia da segunda guerra mundial.

O Autor apresenta uma síntese muito feliz do contexto sócio-político-religioso do Brasil das três últimas décadas que sua tese abrange, com destaque para o governo Getúlio Vargas, a declaração de Nossa Senhora Aparecida como padroeira do Brasil pelo Papa Pio XI em 1930 e o nascimento da CNBB e da CRB.

Para encerrar, aborda aspectos importantes da vida da Província, como a sua atividade nos meios de comunicação social e a pujante força espiritual que de tal modo impulsionou toda a história redentorista em terras brasileiras, que chegou a produzir gigantes da estatura de um Pelágio Sauter e de um Vítor Coelho de Almeida, um bávaro e um brasileiro, ambos a caminho dos altares, e que, segundo o testemunho do Pe. Clóvis Bovo, C.Ss.R., souberam unir santidade e profetismo em favor do povo.

Em 1955, as casas do sul do Brasil estavam para constituir uma Vice-Província, o que aconteceu no ano seguinte, e haveriam de formar a Província de Porto Alegre em 1964. Goiás por sua vez seria Vice-Província em 1964 e Província em 1994. O Autor escolheu colocar aqui o ponto final de sua tese.

Como disse o sábio Pe. Gebardo: “Não veremos os frutos do nosso trabalho; nós semeamos, outros colherão. O Senhor da messe recompensa tão bem os que semeiam como os que colhem”.

As 23 páginas de bibliografia da tese de Gilberto Paiva mostram como ele soube fazer uma farta colheita, sobretudo na seara plantada pelos autores das crônicas e das 12 mil cartas que passaram por suas mãos. A Província de São Paulo está de parabéns por esse precioso estudo. Honra também aos que conservaram e traduziram suas generosas fontes.

José Raimundo Vidigal, C.SS.R.

LAVERDURE Paul, *Redemption and Ritual. The Eastern-Rite Redemptorists of North America 1906-2006*, Redeemer's Voice Press, Yorkton, SK 2007, 421 pp.

Nous avons déjà apprécié du même auteur son ouvrage qui relatait l'histoire de la Province Rédemptoriste de langue anglaise au Canada sous le titre: *Redemption and Renewal. The Redemptorists of English Canada, 1834-1994* (Toronto, 1996), ouvrage recensé par Otto Weiß dans le *SHCSR* 44 (1996) 574-578.

Tout en restant au Canada c'est une autre histoire que P. Laverdure se propose de nous présenter. Celle de l'apostolat auprès des fidèles catholiques provenant de l'est de l'Europe et ap-

partenant au rite gréco-catholique, pour faire bref, disons aux Ruthènes, ou au Galiciens, c'est-à-dire en gros et en sautant de subtiles nuances, aux Ukrainiens de l'Ouest.

L'auteur, très logiquement, découpe son travail suivant l'unité de la Congrégation des Rédemptoristes qui a pris en charge les destinées de ce qu'on appellera désormais la «(Vice)-Province de Yorkton»: la Belgique (1899-1906), le Canada francophone (1907-1918), le Canada anglophone (1919-1932), l'Ukraine (1932-1946), et le gouvernement central de la Congrégation à Rome (1946-1961). Enfin l'histoire de la province autonome depuis 1961.

Tout commence par un naufrage entre le Labrador et Terre-Neuve un matin froid de septembre 1899. Un navire le *Scotsman*, ayant heurté un rocher, fut contraint de débarquer en catastrophe ses passagers sur un îlot isolé nommé *Belle-Ile*, non sans avoir perdu quelques vies humaines. Parmi ces passagers, deux religieux rédemptoristes Joseph Coppin (1840-1915) et Achille Delaere (1868-1939) faisaient route vers Québec qu'ils finirent par atteindre une semaine plus tard.

C'est surtout la personne de Delaere qui intéresse l'histoire de la Congrégation établie dans les immenses plaines de la Saskatchewan et du Manitoba. L'archevêque de Saint-Boniface, Mgr Adélarde Langevin, voyant tant d'émigrants européens venir s'établir dans son vaste diocèse, cherchait désespérément des prêtres pour prendre soin d'eux spirituellement. En ce qui concernait les francophones ou anglophones, la chose était assez aisée, mais que faire avec les populations venant de l'Est européen, comme les Hongrois, les Slovaques, les Ruthènes, etc.? Le P. Willem Godts se trouvait déjà à Brandon (Manitoba), aussi conseilla-t-il au jeune Delaere, qui lui avait fait part de son désir de devenir missionnaire au Canada, de se rendre à Tuchów en Pologne pour apprendre le Slovaque. Trois mois plus tard, contre-ordre: il valait mieux s'atteler à l'apprentissage du Polonais. C'est ainsi qu'en arrivant à Brandon Delaere put déjà se débrouiller un peu, célébrant en rite latin et prêchant en Polonais, mais vite il s'aperçut que les Galiciens-Ruthènes devenaient de plus en plus nombreux, passant en dix ans de trois mille à trente mille. Certains prêtres émigraient avec eux, mais ils étaient mariés, ce qui posait un sérieux problème aux évêques de rite latin. Les immigrants accep-

taient difficilement les services d'un clergé étranger à leur langue, à leur rite, non marié ... conséquence: ils passaient en masse à l'Église orthodoxe où ils se sentaient plus à l'aise. D'autres choisissaient une solution bien pire encore en succombant aux charmes de charlatans tels que le *prophète* Serafim rêvant d'une Église orthodoxe indépendante.

Tout cela Delaere le savait, le vivait douloureusement. Une seule solution s'offrait à lui: passer au rite oriental. Après moult discussions et arrangements, arriva finalement la permission le 21 août 1906, événement considéré à juste titre comme le tournant de toute cette aventure. Le rejoindront bientôt les Pères Hendrik Boels, Noël Decamps, Charles Têcheur, etc. Ce n'est pas ici le lieu raconter par le menu tous les événements ultérieurs mais on peut aisément s'imaginer toutes les difficultés que rencontrèrent Delaere et ses confrères: opposition des orthodoxes, des Protestants et des fidèles eux-mêmes qui n'ont pas toujours su apprécier les efforts immenses que faisaient ces missionnaires venus de loin pour les aider spirituellement.

En 1910 le Canada recevra un visiteur important en la personne de Mgr André Sheptytsky (1865-1944), un géant dans tous les sens du terme, sa stature était imposante et il reste un personnage de premier plan dans l'Église gréco-catholique. Comme Métropolitain de L'viv en Ukraine, il assista au Congrès eucharistique de Montréal et se rendit compte du travail réalisé envers les Galiciens et des problèmes à résoudre. Il demanda aussi que ce travail se prolonge également dans son diocèse de L'viv. Ainsi s'ouvrait un autre champ d'apostolat, loin du Canada par la distance, mais proche par l'esprit. Un autre rédemptoriste belge s'offrira à débiter une mission en Ukraine de l'Ouest (Galicie): Joseph Schrijvers (1876-1945).

Désormais notre histoire va se dérouler sur deux plans, intimement liés: le Canada et la Galicie. Au point qu'entre 1932 et 1946, c'est l'Ukraine qui prendra en charge les Rédemptoristes gréco-catholiques du Nouveau Monde. Et on le comprend aisément en comparant les deux situations. Au Canada: deux maisons, avec sept prêtres et six Frères; en Galicie: cinq maisons, vingt-huit prêtres, quarante Frères, quatre-vingt quinze juvénistes. Cette Vice-Province était en pleine floraison.

Durant cette période, un évènement va profondément marquer les esprits: l'assassinat en mars 1935 du P. Albert Delforge par un fanatique. Au-delà de l'aspect sensationnel, on y a vu comme un stimulant, un signe venu du ciel, cette mort en martyr, pour protéger son supérieur, provoqua un mouvement de sympathie et d'intérêt pour ces religieux venus de loin et qui oeuvraient sans relâche parmi les Ukrainiens.

Vient alors la tourmente de la guerre 1939-1945 qui fera des ravages dans toute l'Europe. La branche galicienne, durement persécutée et entièrement coupée du reste du monde, n'est plus à même de gérer l'ensemble. La Belgique continua à s'occuper de la Vice-province jusqu'à ce qu'en 1952 le gouvernement général de la Congrégation reprendra en main ses destinées. Pour fort peu de temps, car en 1961, la Vice-Province devient Province, avec Vl. Krayewsky comme supérieur.

Ce survol sommaire ne rend pas justice à la richesse de l'ouvrage. Le lecteur y trouvera bien davantage, notamment une galerie de personnages dont l'auteur n'hésite pas à souligner les mérites, mais aussi les défauts. Ne fut pas oublié non plus l'apostolat par la plume, deux revues sortiront des presses de Yorkton: *The Redeemer's Voice* (bilingue anglais-ukrainien) de 1923 à 1984, destinée à un large public et *Logos*, beaucoup plus scientifique, parue de 1949 à 1982.

Les notes, donnant toujours les sources de ce qui est avancé, sont placées à la fin du volume, pour contenter les plus exigeants, sans alourdir le texte pour les autres lecteurs. Un index complet facilite aussi les recherches ainsi qu'une liste des membres de la (V)-Province et le nom des Supérieurs. De temps à autre une carte géographique situe les lieux, et de nombreuses photos rendent la lecture encore plus agréable et concrète.

Il nous reste à souhaiter qu'un ouvrage du même genre et de la même qualité nous expose l'histoire des Rédemptoristes de rite gréco-catholique en Ukraine de l'Ouest.

Jean Beco, C.SS.R.

DE CALUWE Theo, C.S.S.R., *Emmaus aan de Geul – Het verhaal van een grootseminarie: Wittem 1836-1968*, De Wegwijzer, Wittem 2007, 244 pp

Nous devons déjà à la plume du même auteur l'ouvrage *Herders zonder Kudde – De Redemptoristen werkzaam in stad en streek* (Roosendaal 2003) qui relatait l'histoire de la maison des Rédemptoristes établie à Roosendaal (Noord Brabant aux Pays-Bas) de 1868 à 2003. À présent cet ouvrage se propose de nous raconter les 132 années d'existence, non pas de la maison de Wittem – qui existe toujours – mais de la maison de formation qui y a fonctionné de 1836 à 1968.

Lorsque sous l'impulsion du Père Clément Hofbauer, puis du Père Joseph Passerat, la Congrégation des Rédemptoristes s'est étendue au-delà des Alpes de façon rapide et significative, il a fallu songer à former les candidats qui voulaient entrer dans ladite Congrégation. Ce fut d'abord à St Bennon à Varsovie, puis Fribourg en Suisse, Mautern en Autriche, plus tard Teterchen en Lorraine et Altötting en Bavière. Et entre-temps Wittem aux trois frontières, belge, hollandaise et allemande, entre Maastricht et Aix-la-Chapelle, au nord-est de Liège, dans le Limbourg hollandais.

Sur Wittem, garde toute sa valeur l'ouvrage que lui a consacré Henk Mosmans sous le titre *Het Redemptoristen = Klooster Wittem* (Maaseik 1935). Toutefois, dans la monographie qui nous occupe, T. de Caluwe non seulement comble les trente-trois ans qui restaient à raconter, mais il prend en outre un autre point de vue: se concentrer sur le séminaire de Wittem en tant que maison de formation pour les futurs prêtres de la Congrégation.

Après avoir rappelé l'histoire de ce vieux couvent de Capucins fondé en 1732 par le comte Ferdinand von Plettenberg, après avoir décrit la région et le cadre historique, l'auteur, tout naturellement suit un ordre chronologique, caractérisant chaque partie:

1836-1882: fondation et consolidation

1882-1918: le développement se poursuit

1918-1945: l'épanouissement

1945-1955: le déclin

1955-1968: vers la fermeture

Pour chacune de ces périodes, l'auteur se penche sur la formation en général, les professeurs, les programmes des cours, les manuels employés, les relations (ou l'absence de relations) avec le monde extérieur, la bibliothèque si riche, les rapports avec les autres séminaires, les moments de détente, le sport, les vacances, les transformations que le bâtiment a subies, les événements durant les deux guerres mondiales, les jours heureux et ceux qui le furent moins, les joies et les deuils, etc. Rien, ni personne n'est oublié. Les principaux préfets du studendat sont examinés avec leurs qualités et leurs défauts.

S'il nous fallait donner une impression d'ensemble, nous soulignerons la vitalité que cette maison a connue, et, pour le début jusqu'en 1882, son caractère international et sa place dans la Congrégation transalpine. L'auteur ne donne pas le chiffre total des séminaristes passés par Wittem, mais ils se comptent par centaines dont quarante-sept prêtres diocésains. Tout cela est d'une lecture fort agréable, agrémenté de nombreuses photos illustrant tel ou tel moment de la vie du studendat.

Chaque chapitre de l'ouvrage contient les notes destinées surtout à donner les sources de l'auteur et à la fin nous trouvons une série de tables précieuses, récapitulant les noms des Préfets et des professeurs par branche (Écriture sainte, théologie dogmatique, morale, droit canon, etc.) ainsi que le nombre de séminaristes par année. Un index des noms termine l'ensemble. À ce propos, on doit déplorer quelques négligences: noms oubliés, ou mal catalogués, tel le Frère Jean Leenaerts cité une fois correctement, mais suivi de tous les Jan, Joannes, et Johann qui eux ne sont pas le Frère Jean!

Jean Beco, C.S.S.R.

CHMIELEWSKI Mirosław, C.S.S.R., *katechetyczno-chomiletyczna działalność o. Henryka Pagiewskiego (1930-2000) (Catechetical and Homiletical Activity of Father Henryk Pagiewski CSsR, 1930-2000)*, Homo Dei, Kraków 2008, 448 pp.

St. Paul in his Letter to the Romans says: «... faith comes from what is heard, and what is heard comes through the word of Christ». (Romans, 10:14-17). The Church, in pursuing this thought

of the Apostle to the Nations, has always treated the *ministerium verbi* as a basic obligation (I Corinthians, 9:16). Moreover, in his Exhortation *Sacramentum Caritatis*, Pope Benedict XVI reminds us that because of the very importance of God's Word, and the spiritual good of the faithful, we have a constant need to improve the quality of God's Word as preached in the Church (SC 46). This concern about effective preaching has inspired the activity of many scholars after Vatican Council II. Such men and women have advocated what is called a Catechetical and Homiletic *revival* in Poland and, indeed, throughout the *entire* Church.

One such scholar was the Polish Redemptorist Father Henryk Pagiewski. Born on 9 January, 1930, in Zalasowa, near Tarnów, he entered the Redemptorist junior seminary in Kraków in 1946. He professed his first vows in 1950, then proceeding through courses in philosophy and theology at his Congregation's seminaries in Toruń and Tarnów (1952-1958). His ordination to the priesthood was on 29 June, 1957. Several years of specialized study followed in various scientific centres of Western Europe, culminating in his doctoral degree from the Alphonsonian Academy of Moral Theology in Rome. His doctoral dissertation was written in French, with the English title "*The Preaching of God's Word as Giving Witness: the Phenomenology of Communicating the Message.*" The dissertation was completed under the supervision of the Father Bernard Häring, CSsR.

In 1962 Pagiewski returned to Poland and began to offer homiletic, catechetical and pedagogical lectures at his former seminary in Tuchów. After of his Roman doctoral degree was properly certified in 1969 by Warsaw's Academy of Catholic Theology, he began lecturing in homiletics at this institution. After many years there, he died in Tuchów on 12 March, 2000, following a somewhat prolonged illness.

There are many scholars in the fields of homiletics and catechetics in Poland who acknowledge Pagiewski's contribution to the Post-Vatican II *revival* of these fields¹.

¹ Among these are the Reverend Professors Władysław Kubik, Antoni Lewek, Kazimierz Panuś, Tadeusz Panuś, Zdzisław Grzegorski, Herbert Simon, Gerard Siwek, CSsR.

Catechists emphasize his contribution in bringing his Polish students more closely in line with the goals of the catechetical revival. They especially appreciated his insights into the *role of language* in the contemporary teaching of Christian doctrine, and likewise his thoughts on practical methods. His fellow scholars in the field of homiletics praise his discernment of the theological and anthropological foundations which are needed to preach Christ's message well to the women and men of today.

Because of Father Pagiewski's wide-ranging involvement in the Post-Vatican II revival of catechetics and homiletics in Poland, he is deserving of a comprehensive, analytical study of his role in, and his contributions to the revival. Such a study has now been accomplished by Father Mirosław Chmielewski, Ph.D.

Born in 1962, Chmielewski has lectured in catechetics and homiletics at the previously mentioned Redemptorist seminary at Tuchów. He has also held key positions within the Redemptorist Province of Warsaw; among these positions have been those of Provincial Consultor, and Rector of the seminary community at Tuchów. The underlying theme of his volume on Pagiewski can be expressed in this question: "How can one describe the influential contribution of Father Henryk Pagiewski to the Polish catechetical and homiletic revival after Vatican Council II?"

Chmielewski's work offers a comprehensive analysis of how Pagiewski believed that the Council's teaching can serve as both a solid theory and a usable practice in teaching and preaching God's Word. Of special importance is that Pagiewski made clear the connection of homiletics and catechetics. Together they are meant to form a *unified pastoral practice* in our Church. Pagiewski's insistence on this unity is, in itself, is a precious contribution to his subject area.

It is to be hoped that Chmielewski's analytical study will continue to provide us with both solid theory and practical solutions as we are challenged to be better preachers and catechists. Further, may it be the basis for even deeper reflection on how we, like St. Paul before us, can foster the mission of dynamic, modern evangelization.

Kazimierz Pelczarski, C.S.S.R.

PELCZARSKI Kazimierz, C.SS.R., *Działalność wychowawcza o. Mariana Pirożyńskiego (1899-1964) (Das erzieherische Wirken des P. Marian Pirożyński, 1899-1964)*, TN KUL, Lublin 2006, 324 pp.

Die Mitglieder der Kongregation der Redemptoristen verkünden schon seit der Zeit des heiligen Klemens M. Hofbauer (seit 1787) das Evangelium Jesu Christi in Polen und seit fast 100 Jahren existieren polnische Redemptoristen als selbständige Provinz (seit 1909 als Polnische Provinz und seit 1965 als Warschauer Provinz). Die hundertjährige Geschichte der Polnischen Provinz wurde von vielen berühmten, hervorragenden Predigern, Volksmissionaren, Seelsorgern, Erziehern, sozial Tätigen, und Theologen geformt. Eine sehr wichtige Person für die polnischen Redemptoristen ist zweifellos Pater Marian Pirożyński.

Pater Marian Pirożyński wurde am 17. Oktober 1899 in Lublin geboren, wo er die Volksschule besuchte und sein Abitur ablegte (in der so genannten „Lublinischen Schule“ - „Szkola Lubelska“). Im Jahr 1917 begann er seine Studien. Zuerst versuchte er Mathematik an der Jagiellonien-Universität in Krakau zu studieren, aber nach zwei Semestern brach er dieses Studium ab. Dann wollte er Philosophie an der Warschauer Universität studieren, aber er beendete sein Studium wiederum nicht und schon nach einem Semester trat er in die Armee ein, um am polnisch-sowjetisch Krieg (1920) teil zu nehmen. Während des Krieges wurde er von der sowjetischen Armee ins Kriegsgefängnis gesteckt, aus dem er flüchtete. Im Jahr 1921 trat er in den Redemptoristenorden ein und 1925 wurde er zum Priester geweiht. Er begann seine langjährige Tätigkeit, in der er besonders die christlichen Werte im sozialen Leben propagierte. Seine kompromisslose Haltung vor dem Zweiten Weltkrieg wurde von liberalen Denkern kritisiert. Nach dem Zweiten Weltkrieg wurde er vom kommunistischen Regime in Polen schikaniert und zweimal zu einer Gefängnisstrafe verurteilt. Er starb am 4. Mai 1964 in Warschau.

Die erzieherische Tätigkeit von Pater Pirożyński hatte verschiedene Aspekte. Er war ein spiritueller Leiter, Volksmissionar und Exerzitienbegleiter, Sozialhelfer, ein produktiver Schriftstel-

ler (über 200 Broschüren, Artikel und Bücher), der Hauptredakteur von „Homo Dei“ – dem Magazin, das von Redemptoristen gegründet und geleitet wurde.

Der Pastoraldienst der polnischen Redemptoristen ist bekannt und wurde in der Fachliteratur beschrieben (u.a. das sozial- und fürsorgepädagogische Wirken des hl. Klemens Hofbauer). Ohne Zweifel hatte Pater Pirożyński in seiner pädagogischen Tätigkeit das Vorbild des hl. Klemens vor Augen. Pater Kazimierz Pelczarski CSsR erstellte eine wissenschaftliche Monografie, in der er sich besonders auf seine Pädagogik der Erziehung und Fürsorgepädagogik konzentrierte. Der Autor des Buches stellt die Tätigkeit von Pirożyński im Kontext der Entwicklung der polnischen Pädagogik dar.

Der Figur des Paters Pirożyński wurde in der polnischen Biografie und in der Geschichte der Erziehung nicht genug Aufmerksamkeit geschenkt, trotz seiner eigenen, neuen Ansichten und seiner beachtenswerten Verdienste.

Diese Lücke füllt das Buch von Pater Pelczarski – „Das erzieherische Wirken des P. Marian Pirożyński (1899-1964)“ aus. Der Autor dieses Buches hat den Grundgedanken der Sozial- und Fürsorgetätigkeit von Pirożyński sehr genau herausgearbeitet. Zugleich zieht sich dieser Grundgedanke wie ein roter Faden durch die ganzen wissenschaftlichen Forschungen des Autors. Pelczarski stellte die Grundfrage seiner Forschung, die lautet: „Was soll man tun, um die christlichen Werte in unserer modernen Gesellschaft nicht zu verlieren?“ Auf diese Frage gibt er in den sieben Kapiteln seiner Ausgabe die Antwort. Im ersten Kapitel wird die persönlich-spirituelle Gestalt Pirożyńskis vorgestellt. Das zweite Kapitel präsentiert die schriftstellerischen Werke Pirożyńskis und seine Propagierung der verschiedenen Publikationen. Die Erziehungstätigkeit ist der Inhalt des dritten Kapitels. Im nächsten Abschnitt werden die sozialen und patriotischen Aspekte des Wirkens von Pirożyński dargestellt, die sich im Kampf um die katholische Presse und Literatur und im Schutz der katholischen Vorschriften im Sozialleben äußerten. Im fünften Kapitel geht es um die Person Pirożyńskis als Seelsorger und Volksmissionar. Im sechsten Kapitel wird die karitative Tätigkeit von Pater Marian beleuchtet, der nach dem zweiten Weltkrieg die Abteilung der Breslauer „Caritas“

geleitet hat. Das achte Kapitel dieses Buches stellt die letzte Periode des Wirkens von Pater Pirożyński vor, nämlich die Prozesse und die Geschichte der verbüßten Gefängnisstrafen, zu denen er durch das kommunistische Regime in Polen verurteilt worden war. In der präsentierten Publikation findet sich am Schluss eine umfassende Bibliografie sowie der Anhang.

Die Darstellung des Problems, die umfassende Erfassung der Problematik und die sachbezogenen Antworten für die sich stellenden Forschungshypothesen führen zu einem gelungenen Resultat der wissenschaftlichen Forschungen von Pater Pelczarski. Diese Publikation ist ein Beitrag zur Geschichte der Sozialfürsorge und Bildungstätigkeit, und zur Entwicklung der Fürsorge- und Sozialpädagogik sowie der religiösen und christlichen Pädagogik in Polen. Das vorgestellte Buch von Pelczarski führt zu einem besseren Verstehen der Identität und der Geschichte der Warschauer Provinz. Das ist wertvoll zu betonen, besonderes anlässlich des bevorstehenden 100- Jahr-Jubiläums dieses Teils der Kongregation des Heiligsten Erlösers.

Miroślaw Chmielewski, C.SS.R.

D'ADDEZIO Giustino, *In cammino con Gerardo Majella, il santo giovane dei giovani*, Elledici, Leumann (Torino) 2008, 174 pp.

Il testo "In cammino con Gerardo Majella" appartiene al filone catechetico e tratta il tema della "Speranza", alla luce della vita di San Gerardo Majella, visto come icona di riferimento per un cammino di crescita umana e spirituale. L'autore, attento ai segni dei tempi e all'insegnamento magisteriale ha saputo cogliere, in questo scritto, l'invito rivolto dal Papa ai giovani di diventare testimoni di amore e speranza. Benedetto XVI, ripetutamente, ed ultimamente al termine della GMG di Sidney ha sollecitato i giovani a diventare segno nuovo per l'umanità, per dar vita ad «una nuova era in cui l'amore non sia avido ed egoista, ma puro, fedele e sinceramente libero, aperto agli altri [...]. Una nuova era nella quale la speranza ci liberi dalla superficialità, dall'apatia e dall'egoismo che mortificano le nostre anime e avvelenano i rap-

porti umani. Cari giovani amici, il Signore vi sta chiedendo di essere profeti di questa nuova era, messaggeri del suo amore, capaci di attrarre la gente verso il Padre e di costruire un futuro di speranza per tutta l'umanità». Il pontefice, concludendo la sua omelia ha insistito affinché i giovani abbiano il coraggio di pronunciare il loro sì a Gesù, riscoprendo la gioia di compiere la sua volontà, condividendo i loro talenti a servizio degli altri.

Il libro – presentato sia dal Cardinale di Sidney George Pell, sia dal Presidente della Commissione Episcopale Italiana per la Famiglia e la vita sua Ecc. Mons. Giuseppe Anfossi – è pensato come un viaggio, da offrire ai giovani e capace di esplorare tematiche particolarmente ardue per un cammino di maturazione nella fede.

Il testo è suddiviso in tredici capitoli, i quali a partire dalla scoperta della vera amicizia tra gli uomini in Cristo, conducono progressivamente il giovane alla ricerca di senso per dare compiutezza alla propria esistenza.

L'autore, dopo aver chiarito il senso della vera amicizia propone, al suo lettore, un percorso che conduce, tappa dopo tappa, a mettersi in gioco per abbandonare le proprie sicurezze ed abbracciare la sequela di Cristo come vera realizzazione personale. Si tratta di un cammino che non è ispirato alle ideologie, alla apparenza o a uno stile di vita edonistico ma è polarizzato verso le domande ineludibili e imprescindibili per una crescita sana ed armoniosa.

La proposta che si evince dal testo conduce alla ricerca della vera libertà la quale conduce ad una responsabilità autentica e sincera. Solo dopo aver compreso ed iniziato a vivere la libertà e la responsabilità si abbraccia l'unica verità: la Parola divenuta carne. La scoperta di Cristo Gesù come il perché della vita esige, però, il nostro sì fiducioso e chiede di porsi come criterio fondamentale di tutte le nostre scelte.

Solo a partire da Cristo ed avendo Lui come fulcro di tutte le scelte concrete, si potrà a percorrere il cammino di abbandono alla volontà di Dio, che conduce alla missione, la quale è sempre vita donata agli ultimi.

Coloro che avranno il coraggio di trasformare in speranza il rischio e l'incertezza per il domani in una dinamica di vita, che

non si accontentata di un equilibrio precario e quanto mai instabile, possono percorrere con fermezza la strada della vita. Questo diviene ancora più possibile se il nostro decidere è avvalorato dalla preghiera ricordandoci che come Maria possiamo sempre contare su colui al quale niente è impossibile (cf Lc 1,34-38).

Dalle pagine del testo si comprende che per realizzare questo cammino è indispensabile mettersi in discussione. Solo in questo modo crescere in modo adeguato, costante, passando anche per la strada della sofferenza. Se per le prime due qualità l'accettazione è relativamente facile, la strada della sofferenza e della rinuncia motivata può sembrare difficile ma non impossibile.

In tutto il percorso proposto, l'autore indica San Gerardo Majella come modello umano a cui guardare ed ispirarsi nel cammino di crescita. Il Santo lucano, infatti, nella sua breve esistenza terrena, attraverso il rapporto con il suo "Caro Dio", ha tracciato nella gioia e nella semplicità la strada della santità che tutti i battezzati possono seguire. Le pennellate con le quali è descritto questo grande Santo aiuta a comprendere che la vera santità consiste nell'amare Dio, facendosi servo per gli uomini.

Se nel mondo di oggi vi è un grande bisogno di speranza, l'autore invita a lasciarci guidare dagli esempi dei santi, e in modo particolare da Gerardo Majella. Essi, percorrendo cammini all'apparenza ardui, testimoniano che la santità non è una chimera ma speranza che diventa realtà in quanto fondata in Cristo Gesù risorto, speranza del mondo. Ciò si realizza, concretamente e quotidianamente, attraverso la vita e la testimonianza della chiesa.

Il percorso indicato porta il lettore a riscoprire che la propria vita è dono gratuito per la chiesa e per i singoli cristiani. Dono che può esprimersi concretamente sia attraverso la testimonianza laicale, sia attraverso la speciale consacrazione.

Il testo può risultare di grande utilità sia agli operatori pastorali, per strutturare un valido cammino di catechesi per i gruppi giovanili, sia a tutti quei giovani che desiderano percorrere un cammino di crescita, umana e spirituale, avendo come testimone un Santo giovane ed eccezionale come Gerardo Majella.

Il volume, pur non essendo uno studio scientifico, è ben fondato sia a livello dottrinale che agiografico. Se dovessimo indicare un limite del lavoro lo possiamo riscontrare nella troppa ricchezza

dei dati espressi i quali esigono un lungo percorso per essere assimilati. Lo stile del testo, poi, è accattivante e la stessa grafica rende fruibile il testo. Le osservazioni dell'autore sia sui temi proposti sia sulle strade proposte rivelano una profonda conoscenza di Gerardo Majella.

Alfonso V. Amarante C.SS.R.

PERVUKHINA-KAMISHNIKOVA Natalia, *B. C. Печерин Эмигрант на все времена [V. S. Petcherin. Un émigrant pour toutes les saisons]*, Moskva 2006, 334 pp.

Ce n'est pas la première fois que cette revue nous parle de Vladimir S. Petcherin (1807-1885), personnage énigmatique qui fut d'abord professeur à l'Université de Moscou, puis exilé volontaire en Suisse, France et Belgique où il entra chez les Rédemptoristes (1840-1861) pour finir aumônier du grand hôpital de Dublin (voir *SHCSR* 1973, 1974 et 2004).

Près de deux cents ans après sa naissance, après quantité d'articles dans des dictionnaires, des encyclopédies, dans des Histoires de la Littérature, l'A. nous présente ici un ouvrage qui, sans se vouloir exhaustif, met à profit (presque) tout ce qui s'est écrit sur Petcherin, tout ce que lui-même a écrit, notamment ses *Mémoires* et sa correspondance, pour nous donner une étude approfondie de cette personnalité assez dérangement. Mme Pervukhina avait toutes les aptitudes requises pour mener à bien ce travail. Diplômée en littérature russe et anglaise, elle a enseigné au Bryn Mawr College de Pennsylvanie (1980-1986) et au Middlebury Summer School dans le Vermont (1982-2000). Elle enseigne également à l'Université du Tennessee depuis 1994.

L'ouvrage se divise en trois grandes parties couvrant l'itinéraire de sa vie:

1. Russie «Je ne veux pas être un fonctionnaire du Tsar Nicolas» (1807-1836).

2. «Occident: Ici tout est permis et tout réussit» (1836-1861).

3. «En moi il y a nécessairement deux vies: une ici, l'autre en Russie» (1861-1885).

La première partie suit l'autobiographie de Petcherin concernant son enfance et ses études universitaires tout en élargissant nettement le propos. L'A. met bien en lumière les courants littéraires de l'époque, notamment le Romantisme et son grand-prêtre Friedrich von Schiller que cite souvent Petcherin. Mais il a lu aussi les grands auteurs russes, ainsi que Rousseau, Voltaire, Shakespeare, Lamennais, Saint-Simon, George Sand surtout. La manière de décrire son enfance n'est pas indifférente: il a en vue un public de lecteurs russes et souligne comment son destin est déjà tracé par son «étoile», motif récurrent dans l'autobiographie. Il était, selon lui, prédestiné à de grandes choses. Déjà se manifeste en lui cet esprit de rébellion, d'indépendance qui le fera quitter son pays pour toujours, alors que s'ouvrait pour lui un brillant avenir de professeur de langues anciennes à l'université de Moscou.

La seconde partie traite de ses quatre ans d'errance en Suisse, en France et en Belgique où il se décida à passer au catholicisme et à entrer dans la Congrégation des Rédemptoristes. Chapitres particulièrement intéressants pour celui qui connaît le pays et l'histoire de la Congrégation. Petcherin a une mémoire prodigieuse, mémoire des lieux et des personnes. Mais, comme pour l'A. et pour ses lecteurs, il nous laisse sur notre faim. Il nous amuse par de petites anecdotes drôles et parfois méchantes, tout en évitant soigneusement de nous dire le fond de sa pensée, les motifs profonds qui l'ont poussé à embrasser la vie religieuse. Une fois encore nous avons droit à une pirouette, à une allusion sur son «étoile» et son «destin», mais rien de plus. Et ce n'est pas la visite qu'Alexandre Herzen, exilé comme lui mais franchement athée, lui rendra à Londres en 1853 qui nous éclairera sur ce point. En effet, Herzen un peu plus tard publiera ses souvenirs où il évoque cette rencontre mémorable. Il nous présente un *vieux* religieux entré en religion car il ne savait plus où aller, ni que faire... Piqué au vif, Petcherin réagira avec force contre ce portrait pitoyable que fait de lui son compatriote, mais à nouveau il ne donne pas de réponse positive à la question. À l'entendre, il est entré dans l'Église catholique, pour l'amour du beau, du décor, de la musique (p. 194). Il souligne également l'influence du roman de George Sand *Spiridion* (p. 171-176), qui met en scène l'histoire d'un moine qui ne croit plus aux vérités révélées, mais

reste au monastère par devoir. Petcherin s'est-il vraiment cru un autre *Spiridion*? En tout cas il nous trompe partiellement, car ce roman a paru après sa *conversion*!

En 1861, après une activité intense comme missionnaire, Petcherin quitte la Congrégation et entame la troisième et dernière partie de sa vie. Il est maintenant en Irlande où il a tant prêché, et avec grand succès. Le Primat d'Irlande Cullen lui confie le poste d'aumônier du plus grand hôpital de la ville, le *Mater Misericordiae*. Changement de décor, changement de vie: tout en remplissant sa tâche, il a davantage de temps pour lui, il peut retourner à ses chères études des langues classiques, aux sciences naturelles, au Bouddhisme et surtout s'intéresser à nouveau à la Russie qu'il n'a jamais revue, mais où il pressent de grands changements. Grâce aux lettres conservées par son ami Tchijov et que l'A. cite abondamment, c'est un tout autre Petcherin que nous percevons. Moins critique, moins bravache, moins Don Quichotte, un homme plus apaisé qui s'occupe aussi de son chien, «un terre-neuve, noir comme le goudron, avec une tache blanche sur le poitrail et une queue frisée» (p. 292). Un Petcherin qui accomplit sa tâche quotidienne, mais y croit-il encore? Nul ne le saura vraiment. Même un de ses souhaits ne sera pas réalisé. «Ah! Si je pouvais disparaître de quelque façon, me perdre quelque part dans les faubourgs de Londres ou dans les montagnes de Suisse, pour ne laisser aucune trace derrière moi, pour qu'il n'y ait pas mention de mon sacerdoce et du Catholicisme!» (p. 311). Petcherin agnostique? comme le soutient plus ou moins l'A. (p. 62, 228)? N'allons pas jusque là, mais il nous faut constater qu'il avait pris ses distances vis-à-vis de l'Église officielle, du pouvoir temporel du pape, de son infaillibilité, du *Syllabus*, du sens de la vie religieuse, etc.

I. M. Lotman le souligne à juste titre: «Cet homme a droit à une biographie, et non seulement à une épitaphe» (p. 20). Et c'est plus qu'une biographie que nous a donnée Mme Pervukhina, c'est une belle étude fouillée sur un personnage qui ne cessera de nous étonner.

Les hasards de l'édition nous font encore parler de Vladimir Petcherin. Il s'agit de l'ouvrage de Michael Katz, *The First Russian political Émigré. Notes from beyond the Grave or Apologia pro Vita Mea*. University College Dublin Press, Dublin 2008, 197 pp.

Aussi étonnant que cela paraisse, il a fallu attendre plus d'un siècle pour voir traduits les *Mémoires* de Petcherin. Il y aurait eu une traduction française par Marcadet, professeur à la Sorbonne dont nous n'avons pas connaissance. Puis en 1990 parut celle, en néerlandais, de Tom Eekman à Amsterdam sous le titre *Van over het graf* qui suit l'édition russe de Kamenev (1931). Enfin paraît aujourd'hui celle en anglais de M. Katz qui a pris une édition plus récente due à Fedosov, de 1989. Ceci nous montre ce que nous savions déjà: Petcherin n'a pas écrit un livre en bonne et due forme, il a simplement envoyé des lettres, des fragments de souvenirs, quelques chapitres isolés, à charge pour ses correspondants de classer l'ensemble, d'en faire un tout plus ou moins cohérent. Ceci explique l'ordre différent des chapitres, des lettres ajoutées, d'autres supprimées, etc. La longue préface de douze pages est due à Mme Pervukhina dont nous venons de parler.

Nous n'avons pas à juger de la qualité de la traduction. Disons simplement que le traducteur a le défaut de tous les chercheurs *petcheriniens*: ils se sont peu renseignés sur le monde rédemptoriste, or Petcherin fait allusion à tant de personnages très concrets sur lesquels le lecteur un peu curieux aimerait en savoir un peu plus.

Autre défaut à déplorer: le manque d'un index des noms et des lieux, toujours utile en ce genre d'ouvrage.

Jean Beco, C.SS.R.

POELS Vefie, *Een roomse droom. Nederlandse Katholieken en de noorse missies 1920-1975* [Un rêve romain. Les Catholiques néerlandais et les missions norvégiennes 1920-1975], Valkhofpers 2005, 693 pp.

Quoique cet ouvrage ne concerne pas directement la Congrégation des Rédemptoristes, il nous semble important de le signaler à cause du personnage central qui y est présenté: le Rédemptoriste Cardinal Wilhelmus van Rossum (1854-1932), Préfet de la *Propaganda Fide* de 1918 à 1932. Se souvenait-il que

soixante-dix ans plus tôt déjà, deux Rédemptoristes de Bohême se rendirent à Christiania (l'actuelle Oslo) pour y fonder une petite mission éphémère (1849-1854) mais courageuse?

Quoi qu'il en soit, le Cardinal conçut l'idée d'envoyer des missionnaires hollandais pour «évangéliser» ou «reconvertir» la Norvège. Plusieurs raisons pouvaient lui faire espérer d'y parvenir: fondation à cette époque de nombreux Vicariats apostoliques à travers le monde, les succès engrangés en Angleterre et aux États-Unis, le nombre croissant de Norvégiens protestants qui s'intéressaient à leur passé catholique, une volonté de résoudre leurs divergences, donc, un certain intérêt pour l'oecuménisme. En 1922 l'abbé Jan Smit fut nommé Vicaire apostolique en Norvège. Un périodique fut fondé en Hollande *Uit het land van S. Olaf*, et une procure pour la Norvège vit le jour. Plusieurs congrégations acceptèrent de s'occuper de cette mission, telles que les Franciscains, les Maristes, les Soeurs de Charité de St Charles Borromée, les Franciscaines missionnaires, les Sœurs de Notre-Dame d'Amersfoort, etc. Quant aux Rédemptoristes, ils furent aussi sollicités, mais le Provincial hollandais Kronenburg fit savoir qu'ils avaient déjà des missions au Suriname et au Brésil (Recife), réponse qui ne convainquit pas le Vicaire Apostolique (p. 210-211). Même la pression de Van Rossum ne fit pas changer d'avis le provincial. D'autre part, on comprend aisément que les Norvégiens n'aient pas tellement apprécié cette nouvelle «croisade», les reléguant presque au niveau de païens! Même les rares Catholiques norvégiens ne furent pas très enthousiastes devant cette initiative hollandaise, généreuse certes mais peu réaliste.

À la mort du Cardinal van Rossum, la Norvège perdit un peu de son intérêt aux yeux de Rome. Le «rêve romain» s'évanouissait progressivement. Nombre de missionnaires retournèrent en Hollande. Ceux qui restèrent adoptèrent une autre vision de leur mission. Les religieuses se cantonnèrent à des activités d'enseignement et d'aide sociale. Les prêtres travaillèrent davantage dans un esprit oecuménique.

Notons pour terminer que cet épisode norvégien n'est qu'une infime partie de l'activité du Cardinal van Rossum dont on nous promet une biographie substantielle dans les années à venir.

Jean Beco, C.S.S.R.

LÓPEZ ARRÓNIZ Prudencio, C.S.S.R., *S. Alfonso M^a de Liguori. En el acontecer de la experiencia di Dios*. Ed. El Perpetuo Socorro, Madrid 2008, 240 pp.

El título del libro indica suficientemente que no se trata de una nueva biografía de San Alfonso que intentara describir e iluminar todas las etapas, ni siquiera las más importantes, de la larga vida del Santo Doctor. No es una vida escrita «desde el esquema teológico-canónico, – dice el autor en la Introducción – ni desde investigaciones analítico-religiosas, sino desde ese género denominado hoy de *psicología espiritual*: partir de ese encuentro “afectante”, adentrándose en una actitud empática en su historia, seguir y perseguir la evolución de la dinámica de la Gracia correspondida».

El libro comienza presentando el contexto socio-político-religioso del Reino de Nápoles en el siglo XVIII y el contexto familiar en que creció Alfonso de Liguori. Sigue, como acontecimiento fundamental, el encuentro y la llamada de Dios que el joven abogado sintió mientras servía a los enfermos en el Hospital de los Incurables de Nápoles. A partir de esta experiencia, varias veces recordada en este libro, el autor reflexiona sobre temas fundamentales de la espiritualidad alfonsiana como el amor, la voluntad de Dios, el “distacco”, la Encarnación, la Eucaristía, la Redención, el pecado. Y el celo apostólico: «Alfonso padece una *herida occulta*, que está ahí como un dolor sordo y persistente. Es el trauma apasionado de su experiencia de Dios que nunca cicatrizó y le acompañó hasta la muerte, el encuentro “afectante” con la persona de Cristo» en los enfermos del Hospital de los Incurables.

Con su característico estilo incisivo y brillante el p. Arróniz expone, con una luz nueva y personal, las líneas maestras de la vida cristiana en un contexto actualizado que acerca San Alfonso al lector moderno. Sin duda que este libro será recibido por la crítica y el público con la misma aceptación que siempre han merecido las numerosas obras del mismo autor.

Emilio Lage, C.S.S.R.